

## EXERCÍCIOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GOIÁS E NO TOCANTINS

*Fernando Guedes Cury*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

[matfernando@yahoo.com.br](mailto:matfernando@yahoo.com.br)

### **Resumo:**

Neste trabalho apresento de forma sucinta os procedimentos metodológicos envolvidos em dois estudos que se dedicaram a contar histórias da formação de professores de Matemática nos estados de Goiás e do Tocantins as escolhas teórico-metodológicas feitas no início das pesquisas, a coleta e o tratamento de dados, a escolha feita para sua análise que ficou identificada como “análise narrativa”, ou seja, uma trama temporal que tenta ressignificar os dados e enfatizar seu caráter único, fugindo de uma generalização. Considero que estas pesquisas contribuem para um mapeamento da formação e atuação de professores de matemática no Brasil especialmente pelo levantamento de informações relativas à temática e pela própria experimentação da análise narrativas de narrativas enquanto alternativa para pesquisas historiográficas dentro da Educação Matemática, por isso a discussão dos seus procedimentos neste evento – mesmo que sucintamente – pode contribuir para futuros estudos.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática; História Oral; Formação de Professores; Análise Narrativa.

### **1. Introdução**

Entre os anos de 2006 e 2011 foram desenvolvidos dois estudos (um de mestrado e outro de doutorado) com os objetivos de contar histórias sobre a formação de professores de matemática e a constituição dos primeiros cursos que preparavam estes profissionais nos Estados de Goiás e do Tocantins. Estas pesquisas investigaram informações em documentação pertinente, mas, especialmente, debruçaram-se sobre depoimentos de pessoas que participaram dos processos de criação desses cursos e de sua implementação (ver referências).

Assim, buscou-se identificar as condições em que a formação/capacitação de professores ocorreu em meio às dificuldades encontradas no sistema de ensino das regiões

entre as décadas de 1940 e 1990, observando, inclusive, como esta formação se dava antes da criação de faculdades e universidades.

Para este Encontro Nacional de Educação Matemática pretendo destacar resumidamente em meu pôster os procedimentos metodológicos escolhidos e empregados nestas duas pesquisas especialmente quanto à coleta de entrevistas e à opção pela análise narrativa de narrativas como uma alternativa para trabalhos sobre história da Educação (Matemática). As escolhas metodológicas estão fundadas na maneira como aprendi a enxergar o GHOEM e sua proposta de pesquisa dentro da Educação Matemática – que não é única – de esboçar um mapa histórico da formação de professores de matemática no Brasil, permitiu a construção de histórias sobre constituição do Instituto de Matemática e Física (IMF) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e dos cursos de Matemática da Universidade Federal do Tocantins (UFT) contadas a partir das histórias de vida de algumas das pessoas envolvidas no processo. Muitos destes personagens colaboraram diretamente com minha pesquisa cedendo, além das entrevistas, fotografias e outros documentos que ajudaram na construção uma (ou várias) paisagem.

## **2. Algumas Contribuições para o Mapeamento Histórico da Formação de Professores de Matemática**

Muitas possibilidades de narrativas a partir de narrativas em pesquisas educacionais vêm sendo exercitadas pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), pois um de seus objetivos é constituir um referencial para a utilização da História Oral como recurso a pesquisas em Educação Matemática. A constituição desse referencial vem acontecendo "em trajetória", isto é, ao mesmo tempo em que investigações específicas vão sendo desenvolvidas o referencial teórico-metodológico vai sendo estruturado. A contribuição dessas investigações, além da constituição desses referenciais, é a elaboração de um mapeamento histórico sobre a formação de professores de Matemática no Brasil, um estudo vinculado à História da Educação Matemática brasileira. Dentre os muitos trabalhos produzidos pelo grupo que em 2012 completou 10 anos de atuação, destaco a seguir algumas que trabalharam em suas análises com o que entendo por análise narrativa.

Neste caso, em particular, desenvolvi (sob orientação do professor Antônio Vicente M. Garnica da Unesp de Bauru e com o apoio do Grupo de História Oral e Educação Matemática – GHOEM) dois estudos que contribuem com a história da formação de

professores de matemática no Brasil: o primeiro deles (CURY, 2007) tratou de pesquisar como se deu a constituição dos primeiros cursos formadores de professores de Matemática em Goiás. Em suma, o que elaborei tentou ser, ao seu modo, não uma análise, por exemplo, narratológica – em que as narrativas estudadas são tomadas como objetos linguísticos<sup>1</sup> –, mas uma análise narrativa de narrativas, uma forma (legítima e amparada nas considerações anteriormente feitas neste artigo) de elaborar compreensões acerca da(s) história(s) que se quer contar e dos objetos e cercanias que pretendi tematizar. Em Cury (2007), já em seu primeiro capítulo, a análise (dita narrativa) que exprime minha versão sobre a institucionalização dos programas formadores de professores de matemática em Goiás foi elaborada principalmente a partir de outras narrativas, estas produzidas por pessoas envolvidas diretamente na criação dos primeiros cursos superiores de matemática daquele Estado.

Esta narrativa foi construída, em princípio, oralmente: narrei, a mim mesmo, frente a um gravador, a história que pretendia contar a partir das histórias que tinha ouvido daqueles meus colaboradores (depoentes) e a partir de consultas a outras fontes, tentando abarcar os pontos que mais me pareceram significativos para formar o cenário que pretendia compor. A transcrição desta narrativa foi, então, sendo lapidada quanto ao estilo e à correção da linguagem, e passou a ser complementada com fotografias, excertos de jornais da época e outros textos que visavam ora a detalhar as informações, ora a servir como pontos de fuga, criando e ocupando espaços para “ver” melhor e, com isso, tornar enredo a versão que pretendia contar. Ao tecer esta narrativa, não houve uma tentativa de apenas dizer com outras palavras o que um entrevistado disse, nem de resumir, sintetizar ou editar depoimentos. Na verdade, joguei com possibilidades alternativas para compor histórias a partir das histórias que ouvi: é o autor desta narrativa (e não seu depoente) que se deixa caçar pelas malhas da linguagem, caso contrário o pesquisador poderia, no extremo, supor (equivocadamente) a existência de uma linguagem que, quanto mais apurada, mais daria conta de relatar as experiências do outro exatamente como este outro as viveu.

Mais recentemente, em Cury (2011), apresentei uma nova narrativa sobre a constituição de cursos de formação de professores de matemática e das instituições

---

<sup>1</sup> Reuter (2002) afirma que a análise narratológica (ou interna) possui, além desta característica de tomar as narrativas fechadas em si, independentemente de sua produção e recepção, também a particularidade de entender que as narrativas, para além de sua aparente diversidade, apresentam formas de base e princípios de composição comuns que constituem o objeto de pesquisa da narratologia como teoria da narrativa.

formadoras do estado do Tocantins, explicitando compreensões obtidas a partir dos discursos, dos dados, das circunstâncias, de como as histórias de diferentes pessoas, registradas em seus depoimentos me auxiliam a compreender um cenário específico. Apostei, na tese, a narração de uma trama temporal que tentou ressignificar os dados e enfatizar seu caráter único, fugindo de uma generalização. A tentativa foi de buscar em depoimentos, textos, documentos e em minha própria vivência pontos de convergência e de divergência, o que era recorrente e o que era singular, para compor uma narrativa que deve ser entendida como cerne de minha investida. E todo o caminhar do trabalho – o projeto, o levantamento de dados, o estudo de documentos e referências bibliográficas, a criação e o estudo das fontes constituídas a partir das entrevistas, os debates com o orientador e o grupo de pesquisa, a avaliação dos membros da banca de qualificação – alicerça a construção desta interpretação sobre a institucionalização da formação de professores de matemática no Tocantins.<sup>2</sup>

A narrativas sobre a formação dos professores de Matemática em Goiás e no Tocantins são recriações, interpretações tecidas a partir de depoimentos e de vários outros documentos coletados durante minha investigação. Elas não devem ser entendida como resumos, mas como ressignificações de histórias ouvidas, lidas, observadas, vividas durante as pesquisas.

### **3. A História Oral como recurso metodológico nas duas pesquisas**

O trabalho com História Oral está fundamentalmente baseado na memória. Na atualidade, o conceito e o funcionamento da memória ganharam importantes aportes das ciências físicas e biológicas. Soma-se aí que as Ciências Sociais e a Psicologia também têm a memória individual e coletiva como um dos seus focos de investigação. Segundo Jaques Le Goff (1990), a memória coletiva sofreu grandes transformações com a contribuição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas. Estes estudos envolvem necessariamente os conceitos de retenção, reminiscência, esquecimento, seleção, ressentimento, euforia, ufanismo. Como elaboração a partir de outros variadíssimos

---

<sup>2</sup> Não destaco neste texto a narrativa produzida em Cury (2007) citada no início para não extrapolar o limite para publicação. Mas este trabalho, bem como outros vários do GHOEM podem ser acessados pelo *site* [www.ghoem.com](http://www.ghoem.com).

estímulos, a memória deve ser entendida sempre como uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado.

Na prática, para a realização da primeira pesquisa citada acima (CURY, 2007), após definidos, de modo geral, os princípios que norteariam o desenrolar da investigação, lancei-me à procura de depoentes (ou “colaboradores”), atores daquele cenário para o qual se voltou meu olhar. Estes não eram desconhecidos por completo: já eram cotados, por exemplo, por conta de informações de “bastidores” – pelo fato deste pesquisador ter estudado tanto na Universidade Federal de Goiás quanto na Universidade Católica de Goiás – ou por conta de leituras prévias realizadas para a elaboração do projeto, como as já citadas acima, que se tornaram guias na indicação de outros prováveis colaboradores. O primeiro contato com os depoentes era feito por telefone, e com a sua confirmação quanto à participação na pesquisa, isto é, com as entrevistas marcadas, parti para a elaboração do roteiro de questões que conduziriam os diálogos. Neste caso, as questões giravam em torno da implantação dos cursos superiores de Matemática e das cercanias dessa implantação. Isso, entretanto, não impediu conversas relativas ao cotidiano, à infância ou à juventude dos depoentes e sobre as reviravoltas ocorridas em suas vidas, o que permitiu, então, uma abertura maior do entrevistado, dando oportunidade ao entrevistador de conhecer mais um pouco da “história” daqueles sujeitos.

De maneira similar, quando do desenvolvimento da outra pesquisa (CURY, 2007), após um levantamento bibliográfico e documental que procurou identificar e estudar textos acadêmicos e literários ligados à criação das instituições educacionais que formaram professores – de matemática ou não – passei aos contatos com os depoentes. A forma mais comum de busca do acervo bibliográfico sobre o tema estudado foi a pesquisa em *sites* de busca da internet e de bibliotecas de universidades, em especial o da Universidade Federal de Goiás, que possui um programa de pós-graduação em Educação com uma linha de pesquisa em História da Educação Brasileira. Os documentos levantados (como atas de reuniões, pareceres, portarias, projetos políticos de curso, ofícios, fotografias e relatórios) foram inicialmente encontrados na coordenação do curso de Ciências/Matemática da Universidade Federal do Tocantins em Araguaína, que estava organizado em caixas que continham papéis com datas de 1992 em diante. Este material (livros, trabalhos acadêmicos e documentos em geral) serviu-me primeiramente para confirmar nomes de prováveis depoentes que, por vezes, já haviam sido sugeridos em conversas com outros professores da universidade. O estudo dos documentos do arquivo foi retomado ao fim das entrevistas,

quando da efetiva elaboração da análise narrativa, como modo de checagem das fontes, verificação das informações factuais dos depoentes e busca por mais informações que pudessem enriquecer aquela história.

Em Cury (2011) realizei, entre 2008 e 2009, entrevistas com professores, ex-professores e ex-alunos de três instituições de ensino superior: a extinta Faculdade de Educação Ciências e Letras de Araguaína (FACILA), a Universidade do Tocantins (UNITINS) e a Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foram depoentes, também, ex-reitores da UNITINS, ex-secretários estaduais de educação (um de Goiás e outro do Tocantins) e professores da escola básica. Também neste trabalho apresento *uma narrativa* sobre a constituição de cursos de formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins, explicitando minhas compreensões obtidas a partir dos discursos, dos dados, das circunstâncias, de como as histórias de diferentes pessoas, registradas em seus depoimentos, me auxiliam a compreender perspectivas e configurar paisagens.

Os primeiros depoentes foram escolhidos por terem trabalhado nos cursos de Ciências/Matemática da FACILA e da UNITINS ou na direção destas instituições. Para as primeiras entrevistas havia ainda a expectativa da sugestão de nomes para outras entrevistas. Neste caso, por exemplo, o professor Sinval de Oliveira (antes até da gravação de sua entrevista) indicou o ex-professor Macário Piastrella e a professora Yukiko Massago; esta última sugeriu que eu procurasse o professor Givaldo Joaquim dos Santos; ele, por sua vez, sugeriu falar com a ex-secretária de educação, e assim em diante.

A coleta de depoimentos, então, é um dos passos iniciais para uma operação historiográfica (se queremos usar HO para fazer historiografia), e uma operação historiográfica é um complexo que se inicia com a criação de fontes, estejam os materiais já disponibilizados ou não, isso é, é sempre um processo de criação. As textualizações são fontes *criadas* em seu sentido mais pleno, pois não eram materiais previamente disponíveis. Elas surgem de um processo intencional alimentam a criação de uma narrativa histórica. Constituir uma narrativa histórica implica mobilizar um processo interpretativo que já foi disparado quando criamos fontes (os depoimentos). A edição das entrevistas para se constituir o que se chama de textualização, juntamente com a conferência e negociação ocorrida entre pesquisador e colaborador, constitui um processo de negociação pleno de idas e vindas. E a intenção de apresentar estas textualizações no corpo do trabalho é possibilitar que o próprio leitor, caso deseje, elabore suas

interpretações a partir das histórias contadas. A disponibilização da íntegra das textualizações permite ao leitor concordar com minhas compreensões, mas também permite a ele discordar, acrescentar novas interpretações, ver aquilo que posso ter deixado escapar.

#### **4. Exercícios de análises narrativas**

Aqui a tentativa foi a de buscar em depoimentos, textos, documentos e na própria vivência pontos de convergência e de divergência, observar que era recorrente e o que era singular, para então compor uma narrativa que pode ser entendida como cerne dos trabalhos que desenvolvi. A ênfase deve estar na consideração de casos particulares e o produto desta análise aparece como uma nova narrativa, a explicitação de uma trama ou de argumentos que tornem os dados significativos, não em busca de elementos comuns, mas no destaque do que é singular e que, em suma, não aspira à generalização. O papel do investigador neste tipo de análise é configurar os elementos dos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular ou distorcer a voz de cada narrador (ou depoente) a favor de uma versão pré-estabelecida. A trama pode estar construída de forma temporal ou temática, mas o importante é que possibilite a compreensão do porquê algo aconteceu. Aqui, a proposta é a de revelar o caráter único de um caso individual e proporcionar uma compreensão de sua complexidade particular ou de sua idiosincrasia (BOLIVAR, 2002, p. 52). Na análise narrativa de narrativas, o pesquisador desempenha o papel de constituir significados às experiências dos narradores mediante a busca de elementos unificadores e de alteridade, supondo que, mediante esse procedimento, estaria desvelando o modo autêntico da vida individual.

Em tese, não há uma receita prática para a elaboração de uma trama como aqui propus. Uma abordagem possível poderia ser a de este texto surgir de uma explanação oral, que poderia ser gravada, transcrita e editada usando-se ferramentas literárias e sendo servida do que as fontes pesquisadas (documentos orais ou não) possam fornecer para enriquecer a trama construída com dados específicos que fugissem à memória do narrador. Outra possibilidade é a da categorização das textualizações – posteriormente a uma leitura global – para que algumas marcas fossem usadas como referência para a trama que se pensa construir. Estas marcas poderiam ser, por exemplo, as situações fortuitas declaradas



eventualmente por um entrevistado ou vistas em um recorte de jornal. Ou, por outro lado, “fatos” recorrentes às memórias dos colaboradores e à literatura relevante ao tema estudado. De todo modo, a produção desse tipo de texto é algo pessoal que leva em conta diversos fatores como, por exemplo, o envolvimento do pesquisador no processo de investigação, as leituras realizadas (especificamente para a pesquisa ou para outros fins), o interlocutor que este narrador visualiza e, é claro, a sua vivência, suas experiências pessoais que determinam como este narrador enxerga o mundo os acontecimentos que pretende narrar.

## 5. Referências

BOLIVAR, A. B. (2002) ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. In *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, vol. 11, n. 1. Barcelona. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-.html>>. Acesso em: 05 abr. 2006.

CURY, F. G. *Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins*. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Uma Narrativa sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

LE GOFF, J. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

REUTER, Y. *A Análise da Narrativa: o texto a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.